



## O papel da linguagem no pensamento de Heidegger

Viviane Maria Dantas<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo se propõe a apresentar o papel que a linguagem ocupa no pensamento do filósofo Martin Heidegger, bem como as relações por ele estabelecidas entre a linguagem poética e a filosofia, a partir da perspectiva do fim da Metafísica e do Esquecimento do Ser. A linguagem poética que diz o Ser pode restituir ao homem sua pátria, entendida como seu lugar no mundo, uma vez que o homem, devido ao esquecimento do Ser, encontra-se alienado, apatriado, exilado no seu próprio mundo, e essa restituição de seu lugar no mundo supõe, também, uma possibilidade de reencontro com o sagrado.

Palavras-chave: Metafísica. Poesia. Ser. Linguagem.

### The role of language in Heidegger's thinking

#### Abstract

This article aims to present the role that language occupies the thinking of the philosopher Martin Heidegger, and the relationship he established between poetic language and philosophy from the perspective of the end of metaphysics and Forgetting Being. A of poetic language saying Being can restore to man his homeland, understood as its place in the world, since the

---

<sup>1</sup> Professora assistente do Instituto Básico de Humanidades da Universidade de Taubaté.  
*Recebimento: 15/08/2011 • Aceite: 25/10/2011*

man due to forgetfulness of Being, is alienated, exiled in their own world, and the restitution of their place in world implies also a possibility of reunion with the sacred.

Keywords: Metaphysics. Poetry. Being. Language.

## **Introdução**

A obra de Martin Heidegger marca um “tournant” na história das idéias, pois ao afirmar o fim da Filosofia — entendida como Metafísica — anuncia o início de um novo caminho, a saber, a tarefa do pensamento.

Segundo Heidegger, esse “fim é, como acabamento, a concentração nas possibilidades supremas” (HEIDEGGER, 1973, p. 270) da Filosofia, fato que pode ser verificado no seu desdobramento em várias ciências autônomas, revelando o “triunfo do equipamento controlável de um mundo técnico-científico e da ordem social que lhe corresponde.” (idem, *ibidem*, p. 271) Contudo, esta que parece ter sido a última possibilidade da Filosofia — e que é por ele caracterizada como a história do “esquecimento do Ser” —, pode ser a primeira possibilidade para um pensamento que deverá ter como horizonte a questão do Ser, tarefa esta que se colocou aos primeiros pensadores, mas que até o momento, se mostrou inacessível à Metafísica e às Ciências, o que determinou indelevelmente os destinos do Ocidente (Cf. idem, *ibidem*).

Trata-se, portanto, de retomar “algo que há muito, exatamente no começo da Filosofia, já lhe foi dito e que, no entanto, não foi propriamente pensado” (idem, *ibidem*, p. 272). A questão originária que permanece impensada é a relação entre ser e pensar, só possível na dimensão da clareira, abertura na qual reside a possibilidade do des-velamento do Ser — alétheia — isto é, “a possibilidade de a própria a presença apresentar-se.(...) Somente o coração silente da clareira é o lugar do silêncio do qual pode irromper algo assim como a possibilidade do comum-pertencer de ser e

pensar(...). Somente nesta aliança se baseia a possibilidade de atribuir ao pensamento verdadeira seriedade e compromisso”(idem *ibidem*, p. 277).

Para tanto, é necessário superar a concepção metafísica que abdicou do Ser em favor do ente e que definiu o homem como animal racional, afastando-o de sua essência original, transformando-o posteriormente em sujeito do conhecimento, conhecimento compreendido inicialmente como adequação e, em seguida, como representação, e não mais como alétheia, isto é, des-velamento do Ser. Retomar a questão do Ser é “voltar às coisas mesmas”, o que exige uma apreensão fenomenológica do homem, do mundo e da própria linguagem.

Se a busca de uma ontologia fundamental por meio da analítica existencial é a preocupação de Ser e Tempo - obra na qual Heidegger busca o retorno à questão Ser, colocando o homem não mais como sujeito, mas como “ser-aí” (DASEIN), isto é, ser-no-mundo-com-os-outros, ser de projeto, ser-para-a-morte, dotado de linguagem (e por isso o local privilegiado para a manifestação do Ser) -, a reflexão sobre a linguagem, como meio de acesso à dinâmica do Ser, é o tema central da segunda fase do pensamento heideggeriano. É a partir da linguagem que a análise das relações entre o pensar e o poeitar se impõe como condição para a busca dessa “senda perdida” pela Filosofia, isto é, a questão do Ser.

## **Discussão**

Na elaboração de uma ontologia fundamental, Heidegger estabelece uma distinção básica - a diferença ontológica - entre ser e ente. O ente é tudo o que pode ser percebido pelos sentidos, tudo o que existe no tempo e no espaço. O ente “é tudo aquilo de que falamos, que pensamos, com relação a que nos conduzimos de tal ou qual modo; ente é, também, aquilo que nós mesmos somos e o modo de sê-lo” (idem, 1993, p. 16). O ser — sinônimo de essência — é o fundamento de compreensibilidade dos entes e do próprio ser, “é aquilo que determina os entes enquanto entes, aquilo a partir do que

os entes, como quer que se os trate, são em cada caso já compreendidos. O ser dos entes não é ele mesmo um ente.(...) O ser (...) requer uma forma peculiar de mostrar-se, que se diferencia essencialmente do descobrimento dos entes” (idem, ibidem, p. 15-16).

Para que o ser possa se revelar, é necessário um ente capaz de percebê-lo, e o único ente capaz disso é o homem, o ser-aí (DASEIN). “O ‘ser-aí’ é um ente que não se limita a colocar-se diante de outros entes.(...) o ‘ser-aí’ se compreende em seu ser, de um modo mais ou menos expresso. A este ente é peculiar ser, com seu ser e por seu ser, aberto a ele mesmo. A compreensão do ser é ela mesma uma ‘determinação de ser’ do ‘ser-aí’” (idem, ibidem, p. 21-22).

Assim, o homem é o único ente que se diferencia dos demais entes, pois sendo aberto à manifestação do Ser, ele é o único ente que existe, ao passo que os outros entes apenas são. “O ente que é ao modo da existência é o homem. Somente o homem existe. O rochedo é, mas não existe. A árvore é, mas não existe” (idem, 1973, p. 257. Cf. também idem, 1993, p. 54). Isto não quer dizer o único ente real é o homem e que os demais são irreais ou apenas aparentes, mas a palavra existência implica um modo de ser que é abertura - ek-sistência - e que se inicia “naquele momento em que o primeiro pensador é tocado pelo desvelamento do ente e se perguntam o que é o ente” (idem, 1973, p. 337).

O homem, ente ek-sistente, se diferencia dos demais entes porque é o único que levanta a questão essencial: o que é o ente? Ao se voltar para o é, o homem pergunta pelo fundamento ontológico dos entes, isto é, ele pergunta pelo Ser, e ao perguntar pelo Ser, problematiza o sentido de sua existência. O homem, como ser-aí, existe como “ser-no-mundo” (idem, 1993, p. 23) podendo sua existência ser autêntica - quando ele é um ek-sistente - ou inautêntica - quando ele é um in-sistente.

O homem ek-siste na medida em que co-responde ao apelo do Ser que se revela. “Este co-responder é um falar. Está a serviço da linguagem” (idem, 1973, p. 221. Cf. também p. 352-353). A linguagem é, portanto,

possibilidade de manifestação do ser e possibilidade de autenticidade, cuja condição é a liberdade, entendida como a essência da verdade (Cf. idem, p. 335), como “abandono ao desvelamento do ente como tal.(...) graças a este abandono, a abertura do aberto, isto é, a ‘presença’ (o “aí”), é o que é” (idem, ibidem, p. 336). Assim, a verdade, entendida como desvelamento (alétheia), e liberdade implicam-se mutuamente. Quando o homem está atento ao apelo do Ser, vive na verdade, torna-se historial e, sendo livre, pode escolher assumir seu ser e lutar para impor-se tal como é (Cf. BEAINI, 1981, p. 85), e sua linguagem manifestará esse modo de ser.

Como a dinâmica do Ser é, como a própria palavra alétheia diz, movimento contínuo de revelação e ocultação, verdade e não-verdade, há o risco de o homem se afastar do Ser, fechando-se ao seu apelo, o que o leva a um apego maior aos entes. Assim, ele se torna um in-sistente, vivendo na não-verdade, isto é, no momento de velamento do ser e na inautenticidade. Isso pode ser verificado na existência cotidiana quando o homem não vive segundo seu ser-si-mesmo, mas vive sob o império do impessoal – “a gente”, “todo o mundo”, “os outros” –, sendo sua linguagem o sintoma dessa queda, pois, restringe-se ao palavreado vazio, à avidez de novidades, à curiosidade, aos equívocos e às ambigüidades, todos encobridores do verdadeiro sentido do Ser. A própria Ciência e a Técnica, por aterem-se apenas aos entes, desconsideram a dimensão do Ser, perpetuando seu esquecimento (idem, ibidem, p. 47-52; 85-86. Cf. também HEIDEGGER, 1993, p. 179-200).

No entanto, esse movimento em que ora o homem ek-siste, ora in-siste - a errância - faz parte da “constituição íntima do ser-aí à qual o homem historial está abandonado” (HEIDEGGER, 1973, p. 340-341), embora a ela ele não tenha que, necessariamente, se confinar. Aliás, a busca da autenticidade implica o constante risco da inautenticidade, posto que o homem vive nesse limiar, dada a essência mesma do Ser (des-velamento). Mesmo assim, “desse modo de existir, buscam participar principalmente o pensador e o poeta, enquanto, consentindo ao ser, o escutam, revelando-o em suas linguagens” (BEAINI, 1981, p. 86-87), a despeito de seus limites.

No texto *O Princípio da Identidade*, Heidegger retoma a questão da identidade, princípio básico da Metafísica e da Lógica, renovando-lhe o sentido a partir de uma aproximação fenomenológica.

Segundo ele, “o princípio da identidade [A=A] fala do ser do ente” (HEIDEGGER, 1973, p. 378), e esse apelo foi expresso pela primeira vez de forma original e originária por Parmênides: “‘O mesmo, pois, tanto é apreender (pensar) como também ser’” (idem, *ibidem*). A mesmidade que envolve ser e pensar foi posta já nos primórdios da Filosofia, antes mesmo que o princípio da identidade fosse formulado pela Metafísica que, posteriormente modificou-lhe o sentido.

Assim, para Parmênides, segundo Heidegger há um comum-pertencer entre ser e pensar, concepção que rompe com o caráter estático da identidade pensada metafisicamente e que lhe dá um caráter dinâmico conforme o acento que se dá a “comum” e “pertencer” (Cf. idem, *ibidem*, p. 379, especialmente notas 1 e 2, e p. 380). De qualquer modo, o importante é perceber que “se compreendermos o pensar como a característica do homem, então refletimos sobre um comum-pertencer que se refere a homem e ser” (idem, *ibidem*, p. 380). Pelo fato de que o homem é um “ser-aí” e pelo fato de que o Ser, sendo clareira, revela-se ao homem como presença, e pelo fato de que ambos só podem ser compreendidos nessa relação, é que “homem e ser estão entregues reciprocamente uma ao outro como propriedade. Pertencem um ao outro. Desde pertencer-se reciprocamente homem e ser receberam, antes de tudo, aquelas determinações de sua essência(...)” (idem, *ibidem*). Mas para que se penetre no sentido profundo desse comum-pertencer é necessário sair dos esquemas conceituais de representação, o que significa dar um salto, que distancia o pensamento tanto da concepção de homem como animal racional e como sujeito, quanto da concepção de ser como fundamento do ser do ente. Este é um salto no qual homem e ser não caem num abismo porque ambos, ao entregarem-se mutuamente, amparam-se. “O salto é a súbita penetração no âmbito a partir

do qual homem e ser desde sempre atingiram juntos a sua essência, porque ambos foram reciprocamente entregues como propriedade a partir de um gesto que dá. A penetração no âmbito desta entrega como propriedade dispõe e harmoniza a experiência do pensar” (idem, *ibidem*, p. 381).

Esse salto é precedido pelo que Heidegger denomina “arrazoamento”, situação na qual a relação entre o homem e o ser é de confrontação, o que pode ser observado no procedimento da técnica, que se faz como uma relação de dominação entre homem e ser. No entanto, é essa mesma confrontação que permite vislumbrar a relação de propriedade entre homem e ser. É nesse momento, então, que se dá o salto como acontecimento-apropriação (idem, *ibidem*, p. 381-383), isto é, “o âmbito dinâmico em que homem e ser atingem unidos sua essência, conquistam seu caráter historial, enquanto perdem aquelas determinações que lhes emprestou a Metafísica.(...) O material de construção para esta construção dinâmica o pensamento o recebe da linguagem.(...) No acontecimento-apropriação vibra a essência daquilo que a linguagem fala, a linguagem que certa vez designamos como a casa do ser” ( idem, *ibidem*, p. 383-384).

Segundo Heidegger, os que se dispõem a experimentar o salto no acontecimento-apropriação, no qual o conhecimento (adequação/representação) dá lugar à compreensão (sentido do Ser), são os pensadores e os poetas.

A partir da compreensão de que há uma reciprocidade e uma relação de mútuo pertencimento entre pensar e ser, o que vale dizer, entre homem e ser, Heidegger afirma o “fato de, no pensar, o ser ter acesso à linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. os pensadores e os poetas são os guardas dessa habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam” (idem, *ibidem*, p. 347).

No texto *Sobre o Humanismo*, Heidegger refuta críticas a sua obra e, por sua vez, retoma uma crítica contundente à Metafísica que, desde Platão e Aristóteles, teria desviado, segundo ele, o pensar da questão originária do

Ser, entendido nos primórdios como alétheia (des-velamento), assim como da linguagem originária a ela correspondente. A Metafísica teria, assim, aprisionado e reduzido o Ser e a linguagem às categorias da Lógica e da Gramática, o que levou à instauração dos vários modos de “Humanismo” ao longo da história, cujos principais corolários foram a Ciência e a Técnica, e ao conseqüente esquecimento do Ser (Cf. idem, 1968, p. 117-163). Assim, toda sua filosofia é uma proposta e uma tentativa de desvencilhar o pensar da “técnica” do pensar, para, retomando o pensamento originário, colocar-se à escuta do Ser, e reconduzir, assim, o pensar ao seu próprio elemento e o homem a sua própria essência: “(...) não se trata de algum renascimento do pensamento pré-socrático – tal projeto seria vão e sem sentido –, trata-se, isto sim, de prestar atenção ao advento da ainda não enunciada essência do desvelamento que é o modo como o ser se anunciou (idem, 1973, p. 255).

Segundo Heidegger, nesse momento que é “a noite do Ser”, em que a sociedade vive sob o império do impessoal, na mais profunda inautenticidade e alienação, na qual a linguagem está submetida à ditadura da opinião pública, o que implica uma ameaça à própria essência do homem (idem, ibidem, p. 349), os únicos que ainda parecem se colocar à disposição do apelo do Ser são os pensadores e os poetas que, por isso se assumem como os “pastores do Ser”, como os vigias que cuidam da habitação do Ser, isto é, da linguagem, que, por meio deles, pode tornar a vir a ser “advento iluminador-velador do próprio ser”( idem, ibidem, p. 354).

Na poesia, assim como na filosofia que busca a “correspondência que se harmoniza e [se] põe de acordo com a voz do ser do ente” (idem, ibidem, p. 221), a palavra não é mero meio de expressão a serviço do pensamento mas busca se aproximar tanto quanto possível da experiência grega da linguagem. Heidegger volta às origens do pensamento grego, anterior à Metafísica, porque os pensadores primordiais, que também eram poetas, vislumbraram e nomearam o Ser de um modo único e que se perdeu, pois “o que é dito na língua grega é, de modo privilegiado, simultaneamente aquilo que em dizendo se nomeia. Se escutarmos de maneira grega uma palavra

grega, então seguimos seu légein, o que expõe sem intermediários. O que ela expõe é o que está aí diante de nós. Pela palavra grega, verdadeiramente ouvida de maneira grega estamos imediatamente em presença da coisa mesma, aí diante de nós, e não primeiro apenas diante de uma simples significação verbal” (idem, *ibidem*, p. 214. Cf. também idem, 1993, p. 42-45 e BEAINI, 1981, p. 87-89). Talvez por isso essa linguagem nos pareça tão enigmática, já que pela herança metafísica e lógica, a nossa linguagem se tornou um conjunto de signos arbitrários (Cf. LEÃO, 1977, P. 173-180).

É aqui que se coloca, então, a reflexão sobre as relações entre o pensar e o poetar, pois se “entre pensador e poeta há identidade - enquanto ambos têm por tarefa principal dizer o ser - (...) [há] diferença - enquanto cada um utiliza um modo próprio para exercer sua tarefa” (BEAINI, 1981, p. 87).

Ao pensador, o Ser se coloca como a questão fundamental a ser explicitada e refletida. Assim, “o pensamento, dócil à voz do ser, procura encontrar-lhe a palavra através da qual a verdade do ser chegue à linguagem” (HEIDEGGER, 1973, p. 249), cumprindo seu destino. Ao poeta, o Ser se coloca como epifania: se “o pensador diz o Ser, o poeta nomeia o sagrado” (idem, *ibidem*). É por isso que, apesar de ambos - o pensar e o poetar - estarem a serviço da linguagem, intervirem por ela e por ela se sacrificarem, estão separados por um abismo, “pois ‘moram nas montanhas mais separadas’” (idem, *ibidem*, p. 221).

Segundo George Steiner, “em seu nível mais penetrante, o exercício de pensar é de agradecida aquiescência em Ser: inevitavelmente, jubilosamente, tal aquiescência é uma ação de graças por aquilo que foi colocado sob nossa custódia, pela luz na clareira. Mas ainda mais do que o pensador, é o grande artista e o poeta que são os verdadeiros celebrantes” (STEINER, 1982, p. 111).

## Conclusão

A linguagem poética que diz o Ser pode restituir ao homem sua pátria, entendida como seu lugar no mundo, uma vez que o homem, devido ao esquecimento do Ser, encontra-se alienado, apatriado, exilado no seu próprio mundo, e essa restituição de seu lugar no mundo supõe, também, uma possibilidade de reencontro com o sagrado (Cf. HEIDEGGER, 1973, p. 360). “A função da poesia é assim, a de ser a fundação do ser e do divino” (BEAINI, 1981, p. 92. Cf. também GREISH, 1983, p. 543-567), sendo o poeta aquele que “suprime a distância que há entre divinos e mortais (...), conduzindo céu e terra a sua intimidade e união. Este é o fundamento que o poeta oferece ao pensar, para que, em seu novo começo, realize a plenitude de si” (BEAINI, 1981, p. 92).

Portanto o desafio e a tarefa que se impõem a quem quer que se disponha à aventura do pensamento é “trazer à linguagem, sempre novamente, este advento do ser que permanece e em seu permanecer espera pelo homem” (HEIDEGGER, 1973, p. 372), sendo sua fonte e riqueza o despojamento e a simplicidade (idem, ibidem, p. 368), pois, como nos ensina Heráclito, “também aqui estão presentes deuses ...”. E como a referendá-lo, Fernando Pessoa, o poeta plural, canta:

Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor  
Me sinto triste de gozá-lo tanto.  
E me deito ao comprido na erva,  
E fecho os olhos quentes,  
Sinto todo meu corpo deitado na realidade,  
Sei a verdade e sou feliz.

## Referências

BEAINI, Thaís Curi. **À escuta do silêncio**. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1981.

\_\_\_\_\_, “Aspectos filosóficos do suicídio: uma abordagem heideggeriana”. In **Rev. Psiquiat. Clín.** 12(2): 36-40, 1985.

FERNANDO PESSOA. **Obra poética**. Org., Introd. e Notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1990.

GREISCH, Jean. “Hölderlin et le chemin vers le sacré”. In **Cahier de l’Herne-Heidegger**. Dirigé par Michel Haar. Paris: Éditions de l’Herne, 1983. p. 543-567.

HEIDEGGER, Martin. **El ser y el tiempo**. Tradución de José Gaos. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

\_\_\_\_\_, “La doctrine de Platon sur la vérité”. In **Questions II**. Traduit par André Préau. Paris: Gallimard, 1968. p. 117-163.

\_\_\_\_\_, **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973 ( Os Pensadores, XLV).

LEÃO, Emanuel C. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis: Vozes, 1977.

STEINER, George. **As idéias de Heidegger**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.